



ADUFRJ PROMOVE ENCONTRO COM PARLAMENTARES

Página 3



CAIXA CADA VEZ MAIS VAZIA

Corte de mais 2,7 mil bolsas da Capes representa novo capítulo na política de desmonte da Educação. MEC, que já comparou orçamento das universidades federais a uma caixa de bombons, não para de tirar os doces da comunidade acadêmica. Página 5

A SEMANA

MEC CORTA BOLSAS DA CAPES E FAZ ACENO AO ENSINO PRIVADO

DIRETORIA DA ADFRJ

A semana da Educação pode ser dividida em três episódios.

ATO 1

Na terça-feira, dia 4, a Capes anuncia a extinção de mais 2,7 mil bolsas. O alvo são os programas que deveriam ser mais fortalecidos, os de nota 3. Mas os tecnocratas do MEC não querem saber. Considerando o corte anterior de outras 3,5 mil bolsas, feito em maio, comemoram a economia de alguns milhões de reais. Para eles, não importa se as pesquisas podem retornar muito mais benefícios econômicos e sociais para o país. Na UFRJ, quatro programas de diferentes áreas serão afetados.

ATO 2

Ainda na terça-feira, a resistência ao desmonte da Educação ganha forma com uma carta conjunta de seis ex-ministros do MEC. Havia nomes dos governos petistas, de Collor e de Fernando Henrique Cardoso. Uma unidade que demonstra a importância do setor: “A educação se tornou a grande esperança, a grande promessa da nacionalidade e da democracia. Com espanto, porém, vemos que, no atual governo, ela é apresentada como ameaça”, diz um trecho da carta. Para o ensino superior, os ex-ministros defendem financiamento adequado e autonomia.

ATO 3

Na quinta-feira, 5, o ministro fez que não ouviu. Durante XII Congresso Brasileiro de Ensino Superior Particular (Cbesp), em Belo Horizonte, Weintraub afirmou que não há como sustentar o modelo estatal de educação superior que há hoje no país. Fez um discurso que agradou aos empresários do ensino: “Qual a razão de se ficar criando um monte de regras entre uma pessoa que quer estudar e um grupo de pessoas que quer ensinar, na iniciativa privada?”, questionou. “Nós queremos que a sociedade possa buscar sua felicidade e isso só é possível com um setor de ensino superior fortemente



SHISMÊNIA OLIVEIRA/MEC

baseado na iniciativa privada, fortemente livre”, completou. Foi bastante aplaudido.

PANO RÁPIDO.

-----X-----

O momento exige redobrada resistência, em todas as frentes possíveis: dentro da universidade, debatendo com os professores, técnicos e estudantes; nas ruas, com nossos panfletos e cartazes que defendem a educação pública, gratuita e de qualidade; dando aulas nas praças onde mostramos à população o que estudamos, ensinamos e produzimos em nossas salas de aula, laboratórios e grupos de pesquisa; discutindo e sensibilizando parlamentares próximos ao campo popular para que se empenhem na defesa da universidade. Na próxima semana, a Adufrj dará passos em várias direções. Na segunda-feira, a diretoria promoverá um encontro com parlamentares, de diferentes partidos. É importante consolidar um apoio no Congresso, onde o governo tem experimentado doloridas derrotas. Os massivos protestos contra os cortes na Educação no 15M e no 30M pressionam o Parlamento e criam expectativa de sucesso na empreitada. Na quarta, é a vez de discutir com os colegas como combater a PEC de reforma da Previdência do governo. Enfraquecer a aposentadoria dos servidores da Educação diminuirá o poder de atração de bons quadros para as universidades.

OBSERVATÓRIO



PEQUENO GUIA EM DEFESA DAS COTAS RACIAIS E SOCIAIS

■ O Observatório do Conhecimento organizou um pequeno guia, com informações verificadas, para ser ferramenta de apoio na defesa das políticas de cotas raciais. O objetivo é rebater as investidas contra as cotas nas instituições de ensino superior. É possível baixar o arquivo em PDF ou ler as informações de maneira *online*. O guia busca responder algumas perguntas como: O que é a lei de cotas e como as cotas funcionam? Também há dados comparativos sobre o impacto da medida nas universidades. O estudo demonstra que houve significativa redução das distorções sociais, com aumento da presença de negros no ensino superior público. O texto desmente, ainda, um conjunto de mitos espalhados contra as cotas sociais e raciais. Você confere mais detalhes no site do Observatório: www.observatoriodoconhecimento.org.br.

AGENDA

12/06
13H30

ASSEMBLEIA GERAL MULTICAMPI

Será em três locais: auditório do bloco N (Anexo) do CCS, no Salão Nobre do IFCS, e no auditório do bloco B do Polo, em Macaé.

14/06

GREVE GERAL CONTRA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Centrais sindicais e movimentos sociais querem parar o país contra a reforma da previdência do governo Bolsonaro.

IMAGEM DA SEMANA

EX-MINISTROS CONTRA BOLSONARO

Antecessores do ministro da Educação, Abraham Weintraub, de diversos governos, se reuniram contra as atuais políticas da pasta. Destaque para a preocupação com cortes na área e com a autonomia universitária.



USP IMAGENS / FERNANDA REZENDE

AdUFRJ promove encontro com parlamentares do Rio

> No cenário de cortes de verbas da UFRJ e de bolsas, reunião faz aproximação dos professores com as bancadas federal e estadual em defesa do ensino superior público e da pesquisa

ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufjr.org.br

Em busca de alternativas para a educação superior pública no Rio de Janeiro, a diretoria da AdUFRJ promove nesta segunda-feira, 10 de junho, encontro com parlamentares das bancadas federal e estadual do Rio. A reunião ocorre na Casa da Ciência da UFRJ, às 9h30.

Para a presidente da seção sindical de professores da UFRJ, Maria Lúcia Teixeira Werneck Vianna, a reunião é uma aproximação importante porque, além dos problemas de cortes na educação e dos ataques vindos de todos os lados do governo federal, existe a possibilidade de as emendas parlamentares serem destinadas à educação. Algumas emendas têm sido importantes para a UFRJ. “Alguns dos parlamentares que confirmaram presença têm tido uma atuação muito importante no Congresso contra os cortes”, afirma Maria Lúcia.

“A ideia é que seja o início de um diálogo permanente com as bancadas parlamentares, em torno da defesa de políticas para a Ciência e Tecnologia e a UFRJ, universidade que tem muita importância na cidade e no estado do Rio”, completa a

presidente da AdUFRJ, que ressaltou o papel da reunião como uma forma de os parlamentares conhecerem mais o trabalho, as pesquisas e os docentes da UFRJ. “É uma tentativa de construir uma agenda comum para a maior universidade federal do país, esse pode ser o ganho dessa reunião”, afirma.

Neste momento de corte de recursos do Ministério da Educação e de bolsas de pesquisa,

assumiu o cargo, em 9 de abril.

“Não há outra forma que não resistir. Há um ataque do atual governo às universidades e ao corpo científico”, disse o deputado, também presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e que já presidiu a Comissão de Educação na casa. “É preciso enfrentar estes ataques com organização, com reuniões como esta e des-



A ideia é que seja o início de um diálogo permanente com as bancadas parlamentares, em torno da defesa de políticas para a Ciência e Tecnologia e a UFRJ

MARIA LÚCIA TEIXEIRA WERNECK VIANNA
Presidente da AdUFRJ

o deputado estadual Waldeck Carneiro (PT) afirma ser preciso mobilizar a sociedade sobre o tema, entrar na disputa de narrativas sobre a universidade pública e trabalhar na organização de grupos para enfrentar os ataques financeiros e verbais de integrantes do governo.

O próprio ministro da Educação, Abraham Weintraub, tem feito reiteradamente ataques à universidade pública desde que

montar as narrativas criadas pelo governo sobre a universidade”, completa.

Segundo Carneiro, as manifestações em defesa da educação pelo Brasil nos últimos dias 15 e 30 de maio tiveram efeito e criaram uma pressão social para que parlamentares de diversos partidos apoiem a causa da educação pública.

Mesmo aqueles que são da base de apoio do governo Bolso-

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO

RAFAEL WALLACE/ALERJ



WALDECK CARNEIRO: contra o ataque do governo às universidades

DIVULGAÇÃO/CÂMARA DOS DEPUTADOS



ALESSANDRO MOLON: ciência e cultura precisam de apoio no país

naro podem não aderir à atual política que vem sendo implementada no MEC. “São cerca de 250, 300 deputados”, afirma o parlamentar.

Já confirmaram presença no café da manhã promovido pela AdUFRJ aos parlamentares os deputados federais Alessandro Molon (PSB), Jandira Feghali (PCdoB), Marcelo Calero (Cidadania), Paulo Ramos (PDT) e Marcelo Freixo (PSOL), entre outros. Da bancada estadual fluminense, devem comparecer os deputados Carlos Minc (PSB), Eliomar Coelho (PSOL), Flavio Serafini (PSOL), Renan Ferreirinha (PSB) e Waldeck Carneiro (PT).

O deputado federal Alessandro Molon (PSB) destaca a importância do diálogo para en-

contrar soluções que permitam o desenvolvimento das atividades educacionais da UFRJ, ajudando o Rio e o país: “Neste momento tão difícil por que passamos no país, o apoio à educação, à cultura, à ciência e à produção de conhecimento nunca foi tão importante”, afirma o deputado.

Líder da oposição na Câmara, Molon é um dos parlamentares mais ativos pela causa da educação. Na semana passada, por exemplo, convocou o ministro Weintraub para explicar no plenário da Casa uma nota divulgada pela pasta.

A nota do MEC proíbe professores, funcionários de escolas e até pais de alunos de divulgarem protestos contra os cortes na educação.

PAINEL DA CAMPANHA UFRJSEMPRE ESTAMPA LATERAL DO CT

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufjr.org.br

Quem passa pela Linha Vermelha ao lado da UFRJ enxerga um enorme painel com a foto de alunos que são os primeiros de suas famílias a ingressar na universidade pública. A imagem faz parte da campanha UFRJ-Sempre, criada pela Adufjr no ano passado para valorizar a instituição. E, desde o fim de maio, estampa uma lateral superior do bloco A do Centro de Tecnologia.

“É muito representativo do que é a universidade pública hoje”, opinou o doutorando Aloísio Macedo, do Instituto de Matemática, que também é o primeiro da casa a cursar graduação e pós-graduação em uma universidade pública. “Também é uma mensagem interessante para pessoas que nunca tiveram oportunidade de ingressar em uma universidade”, acrescentou.

Foram necessários quatro dias de trabalho de uma equipe de oito pessoas para instalação do

novo banner da Adufjr, que mede 27,5 metros de comprimento por 7 metros de largura. Oito refletores mantêm visível a mensagem em defesa da universidade pública, inclusiva e democrática. As luzes são acesas entre 18h e 2h, graças a um sistema de timing.

“Nós pensamos no diálogo com quem está fora da universidade, que é uma preocupação constante da Adufjr. E, ao mesmo tempo, no controle da energia para que não houvesse desperdício”, destacou o diretor da Adufjr Felipe Rosa.

A professora de alemão Beate Flunkert aprovou a iniciativa. “Muitas pessoas não sabem das coisas boas da universidade. Buscar chamar atenção de quem está fora é importante”.

MEMÓRIA

O retrato de quase sessenta graduandos e graduados da maior federal do país foi produzido no campus do Fundão, em frente ao Restaurante Universitário Central, em 27 de novembro.



VISIBILIDADE Oito refletores acendem das 18h às 2h e chamam a atenção para a universidade inclusiva

ANDRÉ HIPPERT

Consuni questiona peso dos Titulares nas congregações

> Proposta de restringir a dois o número de Titulares nos colegiados das unidades causa polêmica

SILVANA SÁ
silvana@adufjrj.org.br

A UFRJ começou a discutir a representação dos professores Titulares nas congregações de unidades. A proposta das comissões permanentes do Conselho Universitário – Legislação e Normas, Desenvolvimento e Ensino e Títulos – é que a participação fique restrita a dois Titulares (com suplentes) nesses colegiados. Ainda de acordo com o texto apresentado no Consuni, os representantes deverão ser eleitos. Hoje, eles têm assento automático com direito a voto nas congregações.

A justificativa das comissões do Consuni é que, com a possibilidade de promoção ao topo da carreira, algumas unidades podem chegar a ter quase 70% de Titulares em seus colegiados,

“o que anula completamente a representação democrática e eleita pelos pares”, diz trecho do parecer analisado no dia 30.

Uma das unidades com maior quantidade de Titulares na UFRJ é a Faculdade de Letras. São 28 docentes nesta posição. A diretora Sônia Cristina Reis concorda com a proposta do Consuni. “O quórum para abrir os trabalhos na nossa congregação é de 28 pessoas. Nem todos os Titulares participam, mas imagina se todos comparecerem? A representação pode ficar extremamente desproporcional”, avalia.

Para a diretora, a universidade precisa discutir o tema com cuidado e de maneira ampla. “Este tema deve ser enfrentado. Não pode somente ser uma ação burocrática”, acredita. “Precisamos de equilíbrio nas congregações e alternância nas representações”, defende.

Já Roberto Medronho, professor Titular e diretor da Faculdade de Medicina, considera que o Regimento da UFRJ não deve restringir a participação de Titulares nas congregações. “É uma discussão que não foi aprofundada. Impor uma limitação não vai contribuir para o desenvolvimento da nossa universidade”, avalia.

O professor defende que o Consuni, ao invés de baixar uma norma limitadora, deva ampliar a autonomia das unidades acadêmicas. “O próprio Estatuto já garante que os institutos especializados definam as normas e composição de seus colegiados”, afirma. “Seria interessante que estendesse esta possibilidade também às unidades. Assim, cada uma definiria a participação dos seus integrantes de acordo com sua realidade, sua missão, suas especificidades”, argumenta o professor.

A professora Cláudia Morgado, diretora da Escola Politécnica, é a relatora da proposta que restringe a dois Titulares por congregação. Em seu parecer, a docente afirma que o número sugerido é representativo para



Não se trata de ser contra ou a favor. Devemos pensar conceitualmente o papel dos Titulares na universidade

ADALBERTO VIEIRA
Professor Emérito do Inst. de Biofísica

a maioria das unidades. “Sendo dois, eles serão 15% dos representantes nas congregações. Um percentual bem superior ao número de professores Titulares em relação ao total de docentes da maioria das unidades da UFRJ: FAU (5,9%), FL (11,4%), FND (4,4%), FACC (4,0%), FM (6,3%) e IB (12,9%)”.

Durante as discussões no Conselho Universitário, o professor Nelson Braga, representante dos Titulares do CCMN, apresentou uma contraproposta: de que fossem cinco Titulares em vez de dois nas congregações. Em entrevista à AdUFRJ, o docente justificou sua posição. “É im-

portante termos mais Titulares dada a importância deles para a universidade, sua vivência na carreira. O tempo de dedicação desses professores à UFRJ é muito maior”, afirmou.

O professor admite uma mudança neste número: “Podem ser quatro, desde que a representação dos Titulares seja maior que a de Associados e Adjuntos”, pontua.

Para o professor Adalberto Vieira, Emérito do Instituto de Biofísica, é necessário discutir a importância dos Titulares para a instituição. “Não se trata de ser contra ou a favor. Devemos pensar conceitualmente o papel dos Titulares na universidade. O cargo é uma etapa a ser indiscutivelmente alcançada? Ou ser Titular ainda é expressão máxima da liderança deste docente em sua área de saber?”, questiona.

A discussão foi suspensa depois que a professora Sandra Azevedo, representante dos Titulares do CCS, pediu vistas do processo. Por se tratar de proposta de alteração estatutária, o assunto só deve voltar à pauta do colegiado em nova sessão especial, marcada para o dia 18.

Canecão é destombado na Alerj

SILVANA SÁ
silvana@adufjrj.org.br

A Assembleia Legislativa do Rio aprovou, dia 4, o destombamento da antiga casa de shows Canecão. A UFRJ necessitava da decisão para fazer modificações na área, que foi retomada pela universidade em 2010 após longo processo de reintegração de posse. O texto da Alerj ainda depende da sanção do governador Wilson Witzel para se tornar lei.

O projeto de lei, assinado pelos deputados André Ceciliano (PT) e Rodrigo Amorim (PSL), reverteu o tombamento de 1999 e não teve nenhum voto contrário. Mas eles divergem sobre a forma de

utilização do espaço. Ceciliano defende que o terreno permaneça com a UFRJ; Amorim quer transferir a posse para o estado.

Para a universidade, o destombamento foi o primeiro passo para a concessão do Canecão à iniciativa privada. O local faz parte do projeto de utilização de ativos patrimoniais da universidade, uma parceria com o BNDES. O consórcio prevê contrapartidas de investimento, como construção de alojamentos e laboratórios.

Nadine Borges, coordenadora executiva do projeto do BNDES, comemorou o resultado da sessão: “O destombamento foi um passo importante para

viabilizar o projeto, pois tirou uma restrição indevida – dado que o prédio não tinha o valor arquitetônico que justificasse o seu tombamento”, disse. Ela completou: “Teremos ali um equipamento cultural multiuso para 1,5 mil pessoas com a governança da UFRJ, que poderá compartilhar a gestão com um ente privado, em uma decisão que caberá ao Conselho Universitário”.

A reitora nomeada da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho, também acompanha o tema. Denise acredita que a apresentação do que será feito especialmente com o Canecão deva ser realizada até o final



ELISA MONTEIRO

PROJETO A ideia é de uma arena multiuso para 1,5 mil pessoas no local

deste ano. “E nós vamos mudar o que a comunidade acadêmica entender que deva ser mudado. Não tomaremos decisões sem aval de toda a universidade. Não

tem nenhuma chance de eu assinar concessão de patrimônio sem que a comunidade concorde com o que está sendo feito”, disse. **(colaborou Elisa Monteiro)**

NOTAS

COMISSÃO DA VERDADE DO RIO REALIZA EXPOSIÇÃO NO CBAE

Alguns dos resultados obtidos pela Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro podem ser conferidos na mostra “Rastros da Verdade”, instalada no Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ. A exposição fica aberta até 12 de julho. Visitações mediadas são realizadas todas as sextas-feiras de 13h às 17h. O CBAE fica na Avenida Rui Barbosa, 762, Flamengo.

ROMILDO TOLEDO E SUZANA KAHN VENCEM ELEIÇÃO DA COPPE

Os professores Romildo Toledo e Suzana Kahn venceram a eleição para a diretoria da Coppe, gestão 2019-2023. A chapa 2 recebeu 875 votos, ganhando em todos os segmentos. Os candidatos da Chapa 1, José Carlos Pinto e Theodoro Antoun Netto, receberam 593 votos. No dia 18, o Conselho Deliberativo elabora a lista tríplice que será encaminhada à Reitoria da UFRJ.

LICENÇA-PRÊMIO NÃO USUFRUÍDA DEVE SER INDENIZADA

Professores que se aposentaram sem usufruir a licença-prêmio podem requerer indenização na Justiça. O dispositivo, que existiu até 1996, era uma forma de recompensar o servidor com folgas após anos de assiduidade no trabalho. O governo FHC vetou o direito por uma MP, depois convertida em lei. Os interessados devem procurar a assessoria jurídica da Adufjrj.

ABATE-TETO SÓ PODE VALER PARA UM CARGO PÚBLICO

Em 2017, o STF determinou que o chamado abate-teto – dispositivo que limita os ganhos dos servidores ao salário de um ministro do STF – incidisse sobre a remuneração de apenas um cargo público. Antes disso, porém, muitos servidores foram descontados no somatório de duas funções. Os professores prejudicados devem procurar os advogados da Adufjrj.

ARRAIÁ DO PARQUE TECNOLÓGICO OCORRE NO DIA 13

O Parque Tecnológico da UFRJ e o Curso de Gastronomia promovem no próximo dia 13 de junho, das 11h às 20h, a segunda edição do “Arraiá do Pirapoca no Parque: em defesa da cultura popular brasileira”. O arraiá é aberto ao público e vai contar com barracas de comidas típicas, pescarias, sorteios, gincanas e correio do amor. O evento ocorrerá no prédio MP.

Corte da Capes afeta 4 programas da UFRJ

> Maior universidade federal do país perderá 41 bolsas de mestrado e doutorado

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufjr.org.br

Quatro programas da UFRJ serão prejudicados com o mais recente anúncio da Capes de extinguir 2,7 mil bolsas em todo o país. Segundo a pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (PR-2), os cursos de Economia Política Internacional; História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Letras Clássicas e Educação Física vão perder ao menos 41 bolsas de mestrado e doutorado. Ainda não há um levantamento sobre os bloqueios nas bolsas de pós-doutorado.

Os bloqueios atingem os cursos que receberam conceito 3 em duas avaliações consecutivas ou que foram avaliados com nota 4 e depois caíram para a 3. Quem já recebe as bolsas não será cortado, mas os benefícios serão suspensos após a saída dos alunos.

A pró-reitora Leila Rodrigues

lamentou: “É claro que os cursos mais fortes e mais bem conceituados devem ser valorizados. Mas isso não quer dizer que os que passam por mais dificuldades devem ser punidos. Essa não é a função das avaliações”, disse. “A criação de um curso exige um grande esforço da comunidade científica. Não podem ser abandonados”, acrescentou.

O aumento das desigualdades regionais também foi pontuado pela pró-reitora. “É sabido que os programas localizados no Sul e Sudeste concentram os cursos com notas máximas. Mas a maior pontuação não implica necessariamente maior relevância social. Muitos programas de conceito 3 realizados no Norte e Nordeste são fundamentais para a região”, frisou. Para Leila, a redução do apoio aos bolsistas incentiva uma “reelitização” da pesquisa no país.

A professora Silvia Maria Agatti Lüdorf, coordenadora do programa de Educação Física, também criticou o bloqueio: “Nós

QUADRO DO CORTE NA UFRJ*

Programa	Quantas bolsas tem	Quantas vai perder
HCTE	8 de mestrado	5
	18 de doutorado	12
Letras Clássicas	11 de mestrado	7
	9 de doutorado	6
Educação Física	8 de mestrado	5
Economia Política Internacional	9 de mestrado	6

*sem contar bolsas de pós-doutorado

já necessitamos de mais bolsas. Temos cerca de 100 alunos no programa. O corte, mesmo que seja de uma ou duas bolsas, já impacta”, disse. Segundo a PR-2, o curso vai perder cinco bolsas de mestrado. “É muito preocupante para nós. Nosso programa vem num momento de revitalização”, observou. A docente contou que o programa recebeu a visita de coordenadores de área da Capes, há cerca de um mês. “Fizeram um relatório muito favorável. mas a próxima nota só sai em

2021. Estamos exatamente no meio do quadriênio (da avaliação). Ao que tudo indica, nosso curso vai melhorar de nota. Mas, se o corte for confirmado, vai nos prejudicar”, completou.

Coordenador do HCTE, o professor Mércio Gomes reforçou o coro de insatisfação: “Esse corte é absurdo e injusto. A Capes sabe, pelas palavras de seu presidente, que a interdisciplinaridade é o caminho da universidade”, disse, em referência às características do programa.

“Não abriremos mão de nossos propósitos e vamos lutar para retomar essas bolsas”, completou.

Das 2,7 mil bolsas extintas em todo o país, são 2.331 bolsas de mestrado, 335 de doutorado e 58 de pós-doutorado. O anúncio se soma a uma redução 3.474 bolsas de pesquisa, feita em maio.

A Associação Nacional de Pós-Graduandos divulgou nota: “Esse fato evidencia que o projeto do governo Bolsonaro e de seu ministro é o desmonte da Educação, do Sistema Nacional de Pós-Graduação, assim como o de Ciência e Tecnologia”, diz trecho. “Os cortes nas bolsas de estudos em programas com conceito 3 e 4 atingirão principalmente a pós-graduação nas regiões Nordeste e Norte do país”, cita outra parte.

MUDANÇA NO PRINT

As universidades foram comunicadas de que a vigência do Programa Institucional de Internacionalização (Print) passou de quatro para cinco anos. Os recursos, entretanto, não são alterados. O quinto ano passa a ser custeado por parcelas retiradas dos períodos anteriores.

A tesourada, na UFRJ, equivale à redução dos recursos para 2019: de R\$ 12,48 milhões para R\$ 8,73 milhões. A diferença, de cerca de R\$ 3,74 milhões, segundo a Capes, passa para 2023. “O que temos, na verdade, é a suspensão dessa entrada. E uma promessa de que o dinheiro será devolvido daqui a cinco anos”, criticou Leila Rodrigues. (colaborou Kelvin Melo)

Rio + Seguro começa a funcionar no Fundão

> Inauguração do programa aconteceu no dia 7. Policiais militares e guardas municipais reforçam o patrulhamento

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Treze policiais militares e dez guardas municipais começaram a atuar de forma permanente na Cidade Universitária, desde o dia 7. O projeto, batizado de Rio + Seguro Fundão, havia sido anunciado pela administração central no mês passado. Mas, antes mesmo da inauguração, a iniciativa já rendeu polêmica.

Apesar de o reitor Roberto Leher e o prefeito Paulo Mário Ripper repetirem que a Divisão de Segurança da UFRJ atuou ativamente na concepção do

novo projeto, os profissionais da Diseg não compareceram à cerimônia. “É um protesto silencioso pelo descaso desta gestão com nossa divisão”, justifica Luiz Claudio Guerreiro, supervisor da equipe.

Guerreiro afirma que em momento nenhum o grupo se opôs ao programa. “Tudo que somar à segurança da comunidade acadêmica é bem vindo, mas enquanto nós estamos sucateados, aparece verba para investir num projeto milionário com agentes externos à UFRJ”.

Como adiantou o **Jornal da AdUFRJ**, o projeto custará R\$



PRESEÇA OSTENSIVA Guardas municipais e policiais militares atuarão nas folgas no campus

168 mil mensais aos cofres da universidade. Os recursos sairão do condomínio de empresas instaladas no campus.

Paulo Mário Ripper afirmou que o projeto vai ajudar muito a próxima reitoria da UFRJ, que assume o mandato em 2 de julho. “Quem dera eu tivesse recebido de herança um projeto como esse quando entrei na Prefeitura”, afirma. “Não vejam o programa somente como uma ação de segurança. Ele visa também combater comércio ilegal. É ordenamento urbano, atuação em inteligência, integração”.

Paulo Cesar Amêndola, secretário de Ordem Pública, participou da cerimônia. De acordo com ele, o escopo do projeto Rio + Seguro – que funciona também em Copacabana – foi

idealizado pelo prefeito do Rio, Marcelo Crivella.

A vice-reitora Denise Nascimento pediu um olhar cuidadoso para crimes que acontecem sobretudo contra mulheres. “Vi colegas serem vítimas de diversos crimes. E, pessoalmente, fui atingida quando minha filha sofreu um sequestro relâmpago”.

Para Leher, o projeto de segurança é um importante legado de sua gestão para a próxima reitoria. “Certamente este projeto precisará de constantes adequações, mas faz parte do processo. Não é um projeto de uma reitoria ou um governo; é um projeto da UFRJ”, afirmou.

O reitor explicou que a ideia de reforçar o policiamento surgiu a partir da explosão de casos de violência, envolvendo se-

questros-relâmpagos e roubos, no Fundão. “Tivemos situações que geraram muito sofrimento à nossa comunidade. Perdemos nosso estudante Diego; tivemos assaltos. Quem não lembra do caso dos nossos professores da Farmácia? Os estudantes e médicos tinham medo de vir para o Hospital Universitário à noite”.

O professor Carlos Frederico Leão Rocha, próximo vice-reitor da universidade, acompanhou a cerimônia. Para ele, serão necessárias mudanças. “Queremos trabalhar com inteligência, centralizar as informações e agir em parceria com a nossa Divisão de Segurança”, disse à AdUFRJ.

O programa tem um telefone para demandas dos usuários do campus que funciona também por Whatsapp: 99088-0088.

Rede integra universidade a ensino básico há 34 anos

> Criada na UFRJ, Renec congrega 21 instituições com resultados positivos sobre escolaridade e didática em Ciências

ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufjr.org.br

Exemplo de sucesso da integração entre a universidade e o ensino básico, a Rede Nacional de Educação e Ciência: Novos Talentos da Rede Pública (Renec) completa 34 anos com resultados positivos e desafios no atual contexto de poucos recursos à educação. Criada em 1985 na UFRJ pelo professor Leopoldo de Meis, a rede oferece cursos de ciências para alunos da rede pública do ensino básico dentro de escolas e de diversas universidades espalhadas pelo país. Desde então, passaram pelos cursos cerca de 6 mil alunos e 2 mil professores do ensino básico. O objetivo da rede é melhorar as condições do ensino de ciências no país.

Atualmente, a rede congrega 34 grupos vinculados a 21 instituições de ensino e pesquisa distribuídas em 12 estados. Além de despertar em alunos a curiosidade científica e auxiliar na didática dos professores do ensino básico, o curso mostrou-se um incentivo para que muitos estudantes do ensino básico ingressassem na universidade pública. “A ideia é iniciar nos alunos o desenvolvimento de senso crítico a partir de um tema lançado”, disse um dos coordenadores da rede, Wagner Seixas da Silva, também professor do Instituto de Bioquímica

Médica da UFRJ e um ex-aluno de ensino médio da Renec.

A rede busca novos caminhos para o ensino através de metodologias que facilitam o aprendizado, popularizando a Ciência. Diversas atividades são desenvolvidas, mas os cursos experimentais de curta duração e os estágios de alunos da rede pública são a espinha dorsal da rede. No período das férias escolares, alunos e professores do ensino básico público participam de cursos em que elaboram experimentos, sob a monitoria de estudantes de pós-graduação.

Nos cursos, são selecionados alunos e professores para estágio em laboratórios de pesquisa das universidades. Sob a orientação de estudantes de pós-graduação, os selecionados são familiarizados ao trabalho científico e ajudam os tutores no desenvolvimento de pesquisas.

Os universitários acompanham o desempenho escolar dos estagiários, auxiliando os alunos em disciplinas que apresentam dificuldade. Aos pós-graduandos, as atividades permitem o contato com a realidade dos alunos da escola pública. Os professores selecionados ainda desenvolvem trabalhos de pesquisa. Ao fim do estágio, escrevem artigos científicos para publicação em revistas de educação e ciência.

Outras atividades são desenvolvidas pela rede, como produção de material didático, peças de teatro, clube de ciências,



WAGNER DA SILVA: “Maioria dos alunos que participam dos cursos ingressam na universidade pública”

olimpíadas científicas e projetos itinerantes. “Cerca de 90% dos alunos que participam dos nossos projetos ingressam e se formam em universidades públicas”, disse.

A professora Leila Maria Beltramini, do Instituto de Física da USP em São Carlos (SP), coordena um projeto da Renec desde 2008, mas tem colaborado desde 2001 para a rede. Seu projeto é o Espaço Interativo de Ciências, com cursos de atualização de conteúdo para professores de ciências do ensino básico e de experimentos científicos para

os alunos de escolas públicas de São Carlos. Cerca de 400 alunos já participaram da iniciativa. “A rede mostra a importância da aproximação entre o ensino superior e o ensino básico, desperta vocações, melhora o ensino e os índices de escolaridade da cidade”, afirmou a professora, que participou do XVIII Encontro Anual da Renec nos dias 27 e 28 de maio, no Rio.

A Renec já contou com apoio do Banco do Brasil, Fundação Vitae, Finep e Capes. No entanto, diante da atual crise econômica e da redução de verbas, está sem

financiamento. Até 2017, contava com recursos da Finep e da Capes distribuídos a todos os integrantes. Agora, cada instituição tem buscado suporte financeiro individualmente. “A crise acabou com todos os editais públicos”, afirmou o coordenador.

Recentemente, a Renec tornou-se uma associação com CNPJ para buscar recursos em fundações privadas. O esforço trouxe uma nova dificuldade - o pagamento de um contador. A saída foi a cobrança de anuidade em troca de isenção da taxa de inscrição nos encontros anuais.

QUEM FOI LEOPOLDO DE MEIS

VINICIUS ZEPEDA/FAPERJ

Cientista da área de bioquímica, médico e educador, Leopoldo De Meis foi professor emérito da UFRJ e um dos fundadores do Instituto de Bioquímica Médica da universidade que hoje leva seu nome. Foi professor de boa parte do atual quadro docente da UFRJ em sua área. Reconhecido e valorizado por seus trabalhos e pesquisas, De Meis resolve em 1985 dedicar seu tempo a divulgar Ciência nas escolas do ensino básico. “O professor Leopoldo achava que era responsabilidade da academia divulgar a ciência nas escolas e começa a fazer atividades em escolas públicas nas férias. Na UFRJ, também havia cursos experimentais em outros meses do ano”, disse Wagner Seixas da Silva, ele mesmo um ex-aluno do professor durante o ensino médio e que seguiu carreira na área de bioquímica e divulgação



DE MEIS: pioneirismo na educação em Ciências

científica.

De Meis nasceu em Suez, no Egito, e passou a infância em Nápoles, na Itália, para onde a família foi quando começou a Segunda Guerra Mundial. Em 1947, muda-se com a família para o Brasil. Formou-se na Faculdade de Medicina da UFRJ em 1961 e começou a trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz ainda durante o curso. Após uma tem-

porada nos Estados Unidos, no *National Institute of Health*, retorna ao Instituto Oswaldo Cruz em 1964, transferindo-se dois anos depois para o Instituto de Biofísica da UFRJ.

Por conta da perseguição política durante a ditadura militar, muda-se para Heidelberg, na Alemanha, onde foi professor visitante do Instituto Max Planck. Em 1978, torna-se professor Titular do então Departamento de Bioquímica Médica da UFRJ, que posteriormente daria origem ao Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis. Morreu em 2014, aos 76 anos. Foi membro titular da Academia Brasileira de Ciências. Autor de 13 livros, publicou 205 trabalhos científicos em revistas internacionais e nacionais e orientou 34 dissertações de Mestrado e 37 teses de Doutorado. Recebeu diversos prêmios no Brasil e no exterior.

EX-MINISTROS DO MEC CRITICAM DESMONTE DA EDUCAÇÃO

Em coletiva à imprensa, realizada na terça-feira (4), seis ex-ministros da Educação divulgaram carta conjunta em defesa do financiamento público da pasta e da autonomia acadêmica. O documento expressa “grande preocupação com as políticas para a educação adotadas na atual administração” e afirma que os contingenciamentos “na magnitude que estão sendo apresentados, podem ter efeitos irreversíveis e até fatais”. Os ex-ministros chamam atenção do atual governo para o “consenso” social em torno da

visão da educação como política prioritária de Estado. “Em nenhuma área se conseguiu um acordo nacional tão forte quanto na da educação. A sociedade brasileira tomou consciência da importância dela no mundo contemporâneo. Numa palavra, a educação se tornou a grande esperança, a grande promessa da nacionalidade e da democracia”, argumentam os ex-dirigentes do MEC, na carta. Sobre as universidades, são destacados os pontos de acesso e permanência dos estudantes, “especialmente dos

egressos das escolas públicas e das famílias de baixa renda”: “O ensino superior necessita ter qualidade, o que requer tanto constantes avaliações quanto recursos, garantindo seu papel insubstituível na formação de profissionais qualificados para um mercado de trabalho cada vez mais exigente, impactado pelos desafios das inovações e das novas tecnologias”, diz um trecho. “A autonomia universitária é uma conquista que deve ser mantida para garantir a liberdade e qualidade na pesquisa, formação e extensão”,

acrescenta a carta. Assinam o texto os ex-ministros José Goldemberg (1991-1992), Murílio Hingel (1992-1995), Cristovam Buarque (2003-2004), Fernando Haddad (2005-2012), Aloizio Mercadante (2012-2014) e Renato Janine Ribeiro (abril a setembro de 2015). O encontro foi realizado no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA). Para o presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), professor Luiz Davidovich, o MEC precisa ter uma agenda clara para o país: “O que se pre-

tende com a educação brasileira? Como que faz para corrigir a educação básica, que tem sérios problemas? Como qualificar de melhor forma os professores de educação básica? Como aproveitamos melhor, através do sistema de universidades públicas, as riquezas e a biodiversidade brasileira? Quais são as prioridades para a educação no Brasil em termos de agenda nacional?”, questionou. “Essas pautas não estão sendo tratadas nem pelo MEC nem pelo governo”, completou. **(Elisa Monteiro e Julia Noia)**

ENTREVISTA | DENISE PIRES DE CARVALHO, REITORA NOMEADA DA UFRJ

“VOU DIMINUIR A EVASÃO NA UFRJ”

SILVANA SÁ
silvana@adufjrj.org.br

A primeira reitora da história da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho, recebeu a reportagem da AdUFRJ para uma entrevista no Instituto Coppead. Lá, Denise e o futuro vice-reitor, professor Carlos Frederico Leão Rocha, despacham provisoriamente. A médica do Instituto de Biofísica não esconde a apreensão de herdar uma universidade com um déficit de R\$ 170 milhões e um contingenciamento de R\$ 114 milhões. “Herdo uma UFRJ que retrocedeu, não por culpa da

atual gestão, mas por um conjunto de escolhas que vêm de muito tempo”, afirma. Como legado, a nova reitora quer deixar uma universidade mais acolhedora. “Temos uma taxa de retenção e evasão muito grande. Não posso sair da reitoria sem resolver este problema”. A docente aposta numa gestão transparente. E acredita que pode conseguir apoio junto a parlamentares e no MEC para tocar projetos de interesse social. Canecão, Museu Nacional e hospitais são alguns exemplos. Confira a seguir os principais trechos da entrevista – a íntegra está disponível no nosso site.

■ Jornal da Adufrj - Quais serão as prioridades para os primeiros 30 dias de gestão?

● **Denise Pires** - Queremos apresentar já na primeira reunião do Conselho Universitário um cronograma com metas para o primeiro semestre. Vamos priorizar temas acadêmicos. Queremos uma nova Comissão Permanente de Avaliação, que será composta por professores credenciados como avaliadores do MEC. Essas pessoas já foram identificadas e serão convidadas. Pretendemos rever o Plano de Desenvolvimento Institucional. Não é possível que uma universidade sobreviva com uma taxa de evasão e retenção de 50%. Este é um tema prioritário para nós. Não resolveremos isso em um semestre, mas vamos definir as políticas para diminuir esse número.

■ Já há caminhos para isso?

● Primeiro, diagnosticar quais são as causas da evasão e retenção nos diferentes cursos. Qual tipo de retenção? Em que período esses alunos param? Há alunos que trancam faltando pouco para concluir o curso. Essas disciplinas não podem ser cursadas no modo de ensino à distância? Não poderíamos fazer um híbrido nesses casos? Queremos identificar os técnicos-administrativos com formação em Pedagogia para que possam integrar as Comissões de Orientação e Acompanhamento Acadêmico. Assim formaremos os núcleos de psico-pedagogia, em parceria com o Instituto de Psicologia. Quem sabe até formar um campo de estágio para os estudantes.

■ Quais as prioridades para a pesquisa?

● Vamos rever a estrutura da Agência UFRJ de Inovação. É fundamental que ela tenha sua atividade capilarizada nos diferentes centros, com os Núcleos de Inovação Tecnológica para ampliar o número de patentes. Também é fundamental que haja integração entre a PR-2 e o Parque Tecnológico. Queremos ainda incentivar parcerias entre os cursos de notas 6 e 7 com os cursos 3 e 4, para buscar aumentar as notas desses junto à Capes.

■ A sua gestão pretende ampliar parcerias com empresas para áreas além das engenharias?

● A professora Denise Freire (pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa) já vem fazendo reuniões com empresas fora do eixo petróleo e gás. É interesse ampliar as parcerias para a área biomédica.

■ Por falar nas biomédicas, quais os planos para os hospitais?

● Todos os esforços serão voltados para a recuperação do nosso Hospital Uni-



SILVANA SÁ

versitário. Tenho uma reunião ainda na transição com o professor Marcos Freire (diretor do HUCFF). Devemos agir junto ao secretário de Saúde do estado para captar investimentos na infraestrutura do hospital. Em relação ao IPPMG (Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira), pretendemos trazer para a UFRJ o diagnóstico de doenças raras e neonatais. São projetos que serão iniciados já no primeiro ano de gestão.

■ Como estão as conversas em Brasília?

● Estive duas vezes em Brasília. Num primeiro momento, procurei a bancada do Rio, senadores e deputados federais. Na segunda vez, estive com o secretário de Ensino Superior. A nossa conversa foi muito boa. No dia em que saiu a minha nomeação no Diário Oficial, ele me mandou uma mensagem parabenizando e dizendo: “Professora, agora podemos começar a trabalhar naqueles quatro eixos”.

■ Quais são esses eixos?

● Museu Nacional; Canecão; Parque Tecnológico – queremos dar completa transparência às atividades do Parque e democratizar as verbas que entram via Parque Tecnológico, de forma a criar bolsas de estudo e fazer investimentos também nas Humanidades. O quarto eixo é ampliar a internacionalização.

■ Qual será o carro-chefe da sua gestão?

Sem dúvidas, diminuir a taxa de evasão e retenção. O número é muito alto. Não

posso sair da reitoria sem resolver este problema. Outra meta é devolver a administração central ao oitavo andar do prédio Jorge Machado Moreira.

■ A senhora optou por dois nomes que são da atual reitoria. Por que as escolhas?

● Isto demonstra que não somos uma gestão sectária. Eu não tenho dúvida que o Roberto Vieira, que cuidou do registro estudantil por 30 anos e conhece bem os problemas dos estudantes, será um excelente pró-reitor de Políticas Estudantis. É um técnico-administrativo que tem graduação em administração e mestrado nessa área. Sua dissertação foi sobre o SiSU. O André (Esteves) é um excelente funcionário e altamente qualificado. Não tinha por que não chamá-lo. A qualificação e a atuação dessas pessoas foram os critérios para as escolhas.

■ Como resolver o déficit de moradia estudantil na universidade?

● Com o projeto do BNDES. A principal contrapartida é a construção de novas moradias. Mas defendo que sejam como um condomínio integrado, onde o estudante possa estudar, praticar o seu lazer, que tenha quadras de esporte, segurança. Sem dúvidas este é um momento muito difícil para conseguirmos avançar em investimentos, mas há alternativas.

■ Que universidade a sua gestão herda?

● Uma UFRJ que se perdeu em termos acadêmicos e administrativos. Que re-

trocedeu, não por culpa da atual gestão, mas por um conjunto de escolhas que vêm de muito tempo. Uma UFRJ com um déficit de R\$ 170 milhões. É claro que não podemos desconsiderar que houve queda do orçamento da universidade e contingenciamentos, mas um déficit deste tamanho é, sim, um problema de gestão. Houve redução dos contratos, mas não se traduziu em redução de despesas. A UFRJ é a menos informatizada de todas as federais. Nós temos programas excelentes de computação. Mas de alguma maneira, o que a gente faz aqui em termos acadêmicos não foi transferido para a parte administrativa.

■ Que universidade a sua reitoria quer entregar?

● Uma UFRJ que volte a ser vanguarda. Pretendemos apresentar um projeto de cidade inteligente, com diminuição do gasto energético e utilização de novas fontes de energia. Vamos tentar entrar no século XXI. Estará dentro do Plano Diretor que começará a ser revisto em 2020. Pretendo deixar uma diretoria de relações internacionais com status de superintendência, à altura do que a UFRJ merece. Queremos que haja coordenações de relações internacionais em todas as unidades e centros. A PR-3 vai ser mais que uma Pró-reitoria de finanças que paga conta e apaga incêndio. Ela vai fazer o planejamento e desenvolvimento da universidade. Pretendemos criar o Conselho de Administração na PR-4. Queremos uma PR-5 completamente desburocratizada e republicana.



ANA PAULA GRABOIS
anapaula@adufjr.org.br

Mesmo com o cenário adverso de falta de recursos do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação para a pesquisa e contratação de profissionais, o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), no campus do Fundão, realiza transplantes de medula óssea de forma extremamente sofisticada.

De 1994 para 2019, foram cerca de 800 transplantes envolvendo uma equipe multidisciplinar. O grupo atua não só no diagnóstico e tratamento do paciente, como também na coleta do sangue para a retirada das células-tronco que serão transplantadas e em um laboratório de análise e preservação da medula em baixas temperaturas. Todo esse complexo modelo de trabalho que permite a realização dos transplantes só foi possível através da ligação da prática da medicina e da hemoterapia com a pesquisa científica.

A maioria dos transplantes do HUCFF é do tipo em que o paciente recebe a própria medula após um conjunto de procedimentos. Nos transplantes que envolvem um doador e um receptor, apenas o hospital universitário, além do Instituto Nacional do Câncer (Inca), faz este tipo de procedimento na saúde pública do Rio.

A história do sistema de transplantes da unidade começa nos anos 90, quando o médico Halley Pacheco de Oliveira torna-se chefe da Hematologia do hospital, em conjunto com o professor Radovan Borojevic, pioneiro no estudo de células-tronco no Brasil e uma referência mundial no assunto. Desde então, foi formado um grupo de especialistas essenciais ao desenvolvimento da área.

O atual responsável pelo Laboratório de Cultura e Preservação de Medula Óssea, professor Hélio Dutra, do Instituto de Ciências Biomédicas, foi um deles. “O professor Radovan começa o projeto e o professor Hélio, que era aluno dele de doutorado, também vem. O projeto começa a crescer e vem o doutor Halley”, conta Carmen Nogueira, que também foi formada pela dupla e hoje chefia o serviço de Hemoterapia do hospital.

Deste grupo, despontaram nomes como o professor Marcio Nucci, hematologista que tornou-se referência na área de imunidade de transplantados. Também saiu deste grupo o professor Angelo Maiolino, hematologista que se especializou em transplantes.

Atualmente, em conjunto com Hélio Dutra e Carmen Nogueira, o clínico Rony Schaffel coordena a parte médica do setor e é o responsável técnico dos transplantes. “O background do professor Hélio é em biologia celular. O do professor Rony é



ALTA COMPLEXIDADE

O Laboratório de Crio-preservação de Medula Óssea do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho é um dos que mais formam profissionais especializados em técnicas de alta complexidade para o setor privado. Hoje, carece de profissionais contratados pela UFRJ e a maioria é extraquadro.

UM CELEIRO DE TALENTOS PARA O BRASIL

> Área de transplante de medula óssea do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho forma profissionais de alta complexidade para os setores público e privado no país

em medicina, com especialidade em hematologia”, conta Carmen. “O banco de sangue entrou de uma forma importantíssima porque tinha todo o know-how de como controlar o paciente nesse tipo de procedimento”, diz Dutra, em referência ao trabalho da colega.

Já Rony reconhece a necessidade do transplante, indica ao paciente o esquema de tratamento. Após a coleta da medula e sua preservação no laboratório, o clínico marca a data do transplante, faz a aplicação da medula e o acompanhamento pós-transplante, fase bastante delicada pois a imunidade do paciente é praticamente zero, o que o torna muito vulnerável a infecções.

Desde 1994, a prática desenvolvida no HUCFF de realizar o processo integrado para o transplante rendeu resultados como a criação de protocolos médicos e de hemoterapia.

A área, no entanto, sofre com dificuldades. O serviço de hemoterapia precisa, durante o processo de transplante, fazer a irradiação de sangue utilizado em transfusões para o paciente durante o processo de transplante. Hoje, esse sangue precisa ser levado a uma máquina localizada no Inca, no centro do Rio.

O setor ainda carece de pesquisadores contratados pela UFRJ. “Nossos biomédicos e farmacêuticos do laboratório de transplantes de medula são extraquadros”, diz Dutra. Concursos já foram realizados, mas os profissionais não foram chamados.

O professor afirma que é preciso ainda ressaltar o importante papel que a universidade pública tem na formação de profissionais nesta área, inclusive para atender a demanda no setor privado de saúde. “Não existe complexidade nesta área se não tiver uma universidade pública para formar profissionais que possam atuar”, diz.

Já Carmen Nogueira destaca a necessidade de estimular e manter a pesquisa, lembrando a criação do setor. “A história dos transplantes no HU nasce de muita pesquisa”, diz. Para o médico Schaffel, é preciso entender que o HU não é um custo e, sim, um investimento. De acordo com o Schaffel, o hospital é fundamental na formação de pessoal em hemoterapia e congelamento de medula.

Schaffel destaca que o conhecimento e a prática nesta especialidade aprendida pelos residentes e pesquisadores de pós-graduação no hospital é multiplicada pelo Brasil afora, o que torna o HUCFF um polo irradiador de medicina de alta complexidade. “O hospital é um formador de talentos que vieram dos laboratórios e dos serviços daqui. Formamos todo ano residentes em hematologia e em transplante de medula que são aproveitados nos serviços públicos e privados, alguns fora do Rio, e levam a experiência que tiveram”, afirma.

Confira o vídeo sobre o setor de transplantes de óssea no canal da TV AdUFRJ no Youtube.



POST SOBRE O TEMA VIRALIZOU

Um post na página da AdUFRJ no Facebook sobre os transplantes do HUCFF com o professor Hélio Dutra viralizou. Publicado durante a Greve Nacional da Educação de 15 de maio, mostrou o professor falando sobre os 749 transplantes feitos de 1994 a 2018 e da importância do hospital na formação dos profissionais que atuam na saúde pública e na iniciativa privada. Foram 150 mil pessoas alcançadas; 2,9 mil curtidas e 2,3 mil compartilhamentos. “Tenho muitos alunos”, disse o professor, muito elogiado pelos estudantes nos comentários.